

Práticas políticas juvenis: Fundamentos e preceitos

Youth political practices: Principals and precepts

SILVIA H. S. BORELLI^a

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. São Paulo – SP, Brasil.

ROSE DE MELO ROCHA^b

Escola Superior de Propaganda e Marketing. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas do Consumo. São Paulo – SP, Brasil.

SIMONE LUCI PEREIRA^c

Universidade Paulista. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. São Paulo – SP, Brasil.

RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão crítica de trajetórias de pesquisa sobre práticas políticas de juventudes brasileiras desde os anos 2000. Com uma ênfase cultural e comunicacional, aborda-se como os campos da estética e da política se entrelaçam nesses processos, destacando os principais interlocutores e operadores teóricos e epistêmicos deles emergentes. Conclui-se que as resistências juvenis vêm dilatando e rasurando os conceitos clássicos de política por meio de novos usos da cultura, das tecnologias, da comunicação e das experiências estéticas. Ao mesmo tempo em que denunciam as desigualdades e a necropolítica, negociam com algumas institucionalidades e se constituem como sujeitos/as, ocupando as cidades e as redes com seus corpos políticos.

Palavras-chave: Juventudes, práticas estético-políticas, politicidades, tecnicidades, culturas urbanas

ABSTRACT

We critically review research trajectories on the political practices of Brazilian youth since the 2000s. Stressing a cultural/communicational approach, we address how aesthetics and politics intertwine in these processes, highlighting the main emerging epistemic and theoretical interlocutors and operators. We conclude that youth resistance

^a Professora Doutora e Livre Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Coordenadora do GP CNPq “Imagens, metrópoles e culturas juvenis (Jovens Urbanos)”. Integrante da coordenação ampliada do GT “Juventudes y Infancias do Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales” do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO). Integrante da coordenação do Programa Postdoctoral de Investigación en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud (CLACSO). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3510-6625>. E-mail: siborelli@gmail.com

^b Pesquisadora do CNPq, Bolsista de Produtividade em Pesquisa. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Consumo da Escola Superior de Comunicação e Marketing de São Paulo (ESPM-SP). Pesquisadora do GT “Juventudes y Infancias” do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO). Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-Doutorado em Ciências Sociais/ Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em Culturas, Gêneros e Sexualidades pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e em Ciências Sociais, Niñez y Juventud (CLACSO). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7681-5500>. Email: rlmrocha@uol.com.br

^c Pesquisadora do CNPq, Bolsista de Produtividade em Pesquisa. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação: da Universidade Paulista e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pós-Doutorado em Comunicação

pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-Doutorado em Ciências Sociais, Niñez y Juventud pelo Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7412-2129>. Email: simonelp@uol.com.br

has been expanding and erasing classical concepts of politics by new uses of culture, technologies, communication, and aesthetic experiences. As they denounce inequalities and necropolitics, they negotiate with some institutionalities and constitute themselves as subjects, occupying municipalities and networks with their political bodies.

Keywords: Youth, aesthetic-political practices, politicities, technicalities, urban cultures

ESTE ARTIGO BUSCA produzir uma revisão crítica de trajetórias de pesquisa no âmbito das culturas juvenis e urbanas desenvolvidas desde meados dos anos 2000, tendo como ênfase o acompanhamento e análise de práticas políticas de juventudes brasileiras, com foco na cidade de São Paulo. A particularidade desses estudos está centrada no recorte estético e cultural como norteador analítico das investigações realizadas. Desse marcador epistemológico, emergem tanto a seleção de ações protagonizadas por coletivos e por jovens militantes, ativistas e *artistas*, quanto perspectivas teórico-metodológicas singulares, que, como preconizou Martín-Barbero (2000), em 1987, buscaram localizar e dialogar com as práticas e sentidos dos denominados “novos movimentos políticos, novos sujeitos-atores sociais, novos espaços” (p. 76) emergentes. Nesse sentido, nos interessa detalhar alguns dos operadores conceituais com os quais trabalhamos, bem como indicar as perspectivas de leitura advindas de nossas diferentes experiências de campo.

Cabe ressaltar que a revisão crítica aqui proposta privilegia o balanço teórico-conceitual que fundamenta e resulta do diálogo com os resultados empíricos das pesquisas que realizamos. Prioriza-se a transversalidade entre as abordagens assumidas por cada uma de nós nessa trajetória – como pesquisadoras das juventudes, desde meados dos anos 2000¹ –, em detrimento de possíveis particularidades das escolhas adotadas. Finalmente, elegemos alguns autores que foram selecionados como nossos precursores, e com elas e eles costuramos, na diagonal, a reflexão proposta para este artigo.

As dimensões comunicacional e estético-cultural da política e a nuclearidade das narrativas de si, expressas pelas juventudes em suas práticas, comportamentos e valores, nos oferecem o que Martín-Barbero (2022) nomeia como “observatórios do social”. Além disso, entendemos que alguns deslocamentos importantes foram feitos em relação a outros trabalhos de *juvenólogos* e *juvenólogas* contemporâneos. Em primeiro lugar, assumimos uma abordagem das juventudes no plural, de modo a dar conta de particularidades e cruzamentos entre as diversidades observadas. Compreendemos, ainda, a presença de marcadores identitários na configuração e desdobramento de tais ações, mas atentando para indicadores que localizam e interseccionizam essas e

¹ As referidas trajetórias podem ser identificadas por meio dos seguintes Grupos de Pesquisa do Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (DGP/CNPq): Imagens, metrópoles e culturas juvenis (Jovens Urbanos, 2006); Juvenália: questões estéticas, geracionais, raciais e de gênero na comunicação e no consumo (2015); e URBESOM – Culturas urbanas, Música e Comunicação (2019). Ressalta-se que ambos estão vinculados ao Conselho Latinoamericano de Ciências Sociales (CLACSO), por meio do Grupo de Trabalho Juventudes e Infâncias.

esses jovens em seus processos de subjetivação e de enfrentamento ativo dos assujeitamentos e vulnerabilização vividos.

Do mesmo modo, nos pareceu fundamental dirigir nossa escuta aos protagonismos juvenis, inclusive na produção de suas próprias representações. Estamos situadas, portanto, em um lugar reflexivo que opera *com* as juventudes, e não *sobre* ou *para* elas. A proposta da metodologia da problematização recursiva (Fernández, 2013) corrobora esse pilar investigativo, ao priorizar a enunciação de campos analíticos abertos e processuais em vez da aplicação de marcos conceituais prévios. Bebendo de fontes deleuzianas que trazem as multiplicidades *rizomáticas* como guia de conduta, e contemplando a recursividade foucaultiana, considera-se que o instrumental – as ferramentas – é construído ao longo do percurso de pesquisa.

Trata-se, pois, de um olhar para práticas encarnadas, das quais as corporalidades e as subjetividades têm sido elementos-chave, em que as juventudes ocupam os espaços das ruas e das redes, constituindo igualmente um campo de disputas por significação, expressão de si e autoria política. Chama atenção o fato de esses atores e atrizes políticos defenderem processos de gestão coletivos e horizontalizados de suas organizações e experiências. Em alguns momentos, a expressão pessoal parece dar lugar a expressividades que só fazem sentido quando partilhadas, deslocando o conceito de lideranças individuais. Há um *nós* sempre presente ali, configurando liames entre movimentos e ativismos transnacionais e resistências *bioculturais* locais (Valenzuela, 2022).

Como observa Garcia Canclini (2022), ao se referir às inversões fundamentais operadas por Martín-Barbero ao analisar as juventudes a partir do final dos anos 1990, os “novos usos das tecnologias digitais”, a “desestruturação do urbano” e a “desorientação das escolas diante dessas mutações” sinalizam uma mutação e um questionamento mais amplo do “que ainda chamamos de democracia”, assim como demandam “reincorporar ao saber o valor informativo do sensível e do visível” (Garcia Canclini, 2022, pp. 12-13).

Com base nesses pressupostos, considera-se que as ações culturais juvenis se manifestam como espaço privilegiado de ações políticas, e que as dimensões estético-culturais tornam-se um indicador fundamental na compreensão de práticas políticas juvenis na contemporaneidade. Em outras palavras, busca-se a compreensão das dimensões políticas incrustadas em processos estético-culturais protagonizados, interpretados e experienciados por coletivos, ativistas e artistas juvenis em grandes centros urbanos. Toma-se por base a hipótese de que tais práticas articulam-se tanto aos campos mais institucionalizados – políticas públicas, terceiro setor, iniciativa privada, organismos regionais e internacionais, movimentos sociais –, quanto se deslocaram historicamente para

a vida cotidiana, por meio de intervenções com certo grau de independência e autonomia (Borelli & Aboboreira, 2011; Borelli, Rocha, & Oliveira, 2009). Trata-se de uma abordagem que prioriza as práticas juvenis de resistência e existência, caracterizando-as como um campo de atuação contra-hegemônico, antissistêmico, crítico e *protagônico* que produz sentido e agencia novas ordens do sensível.

Esse balanço teórico-conceitual, aprimorado no decorrer das últimas décadas e resultante de experiências investigativas até então desenvolvidas, nos permite destacar três eixos analíticos. O primeiro, centrado nas concepções de jovens/juventudes em contextos latino-americanos, enfatiza as articulações entre cultura e política, políticas públicas e formas de resistência/ações contra-hegemônicas que caminham a contrapelo dos avanços das necropolíticas e das demais políticas que ampliam a desigualdade e a exclusão. O segundo eixo analítico é centrado nas culturas urbanas, urbanidades e tecnicidades, compreendendo a cidade como arena de elaboração e articulação de fluxos e redes de cidadanias e sensibilidades. Finalmente, o terceiro eixo trata das ações comunicacionais (estético-políticas) de fronteira, articuladas a políticas de audiovisibilidade e a processos de subjetivação juvenil, contemplando as corporalidades, subjetividades políticas, os corpos políticos, bem como as politicidades, *artivismos* e novas formas de ação política em rede.

JOVENS/JUVENTUDES, CULTURA-POLÍTICA

Duas clássicas referências – “juventude é só uma palavra” (Bourdieu, 1983, p. 151) e “juvenildade/juvenilização” (Morin, 1984, p. 149) – ancoraram originalmente nossa reflexão e continuaram presentes mesmo com a ampliação do diálogo, em particular em relação às abordagens dos estudos culturais britânicos e suas ressonâncias latino-americanas: juventudes sempre no plural e jovens historicamente situados, porém articulados a contextos locais, nacionais e globais. Jovens que propõem alternativas diversificadas de *estar juntos* e atuar de forma coletiva e colaborativa, nas ruas e nas redes; que afirmam a necessidade de independência e autonomia, mas estabelecem relações com diferentes institucionalidades, por meio do acesso às políticas sociais, públicas ou privadas, governamentais ou não governamentais; que apontam para a possibilidade do exercício de novas práticas políticas contra-hegemônicas de resistência, nas quais a cultura e a estética se constituem como mediadoras fundamentais das ações e estratégias adotadas.

Trata-se de uma concepção múltipla de juventudes, construída dinamicamente numa perspectiva relacional, atravessada por condições históricas

de classe, étnico-raciais, de gênero e sexualidade, ser migrante ou refugiado, viver esse ou aquele espaço da cidade, ocupar lugares e tornar-se/consolidar-se como jovens, em processo, diante de acontecimentos aos quais são submetidos e de ações próprias, por meio das quais dão conta dos enfrentamentos em suas vidas cotidianas.

Diante dessa perspectiva relacional para conceber juventudes – e tornar-se jovem em processo –, caminhamos em busca das articulações entre juventudes, estética, cultura, política e novas formas de resistência/ações contra-hegemônicas. Com esse propósito, assumimos o desafio de contribuir com algumas respostas a uma fundamental indagação posta por Martín-Barbero (2022, p. 33): “Existe algo de realmente novo na juventude atual?”. Para tanto, consideramos importante a explicitação, nesse momento, de quais são as concepções de cultura selecionadas, capazes de responder, ainda, ao desafio teórico-metodológico relacionado ao que há *de novo*, em consonância com mais uma indicação de Martín-Barbero (2000), a categoria de “mapa noturno”.

Nesse sentido, julgamos fundamental, para a ancoragem das narrativas juvenis – aqui configuradas como lócus metodológico privilegiado para os trabalhos de campo realizados –, conceber a cultura como leitura, escrita e texto (Bakhtin, 1993) compreendidos como formas e conteúdos, dialogicamente inseparáveis e historicamente contextualizados. Bem como, entende-se cultura como tecido discursivo múltiplo e polifônico (Bakhtin, 2008), que responde pelo princípio de *ouvir-se mutuamente*, chave significativa tanto para a compreensão das relações que os jovens estabelecem entre si, com os outros e com o ambiente ao redor, quanto para a conexão entre sujeitas e sujeitos investigadores e jovens protagonistas.

A cultura também é concebida como espaço de interseção não excludente entre escrita/imagens/oralidades e formas culturais ilustradas/oficiais, populares (Bakhtin, 1987) e midiáticas, além de princípio para a observação e a análise das diferentes produções, usos e apropriações de jovens/juventudes na cidade de São Paulo. Discurso, linguagem e narrativa são instrumentos de poder, mas também pontos de resistência, burla e transgressão; caracterizam-se como um “campo de força, no qual diferentes ideologias, estilos e concepções se enfrentam”² (Brandist, 1995, p. 2). Pelo dialógico, percebe-se a possibilidade de ruptura da unidimensionalidade (Bakhtin, 1999) e de busca pelas brechas, pelas discontinuidades, pelo não dito e pelos rastros reprimidos e enterrados (Zavala, 1996): pressupostos fundamentais para a explicitação das mediações possíveis entre cultura e práticas políticas, produção e usos culturais juvenis.

Da concepção de cultura como tecido discursivo, múltiplo e polifônico (Bakhtin, 1987), evidenciamos a cultura como forma particular de vida e conflito,

²No original: “a field of force within which different ideologies, styles and ideologies contend”.

como práticas simbólicas de resistência e contestação, mas também de consentimento e negociação, presentes em todos os aspectos da vida cotidiana (Gramsci, 2000, 2002; Williams, 1992, 1997). Nesse âmbito, se incluem atividades artísticas e intelectuais, produtos/produção culturais e suas formas e processos de produção e apropriação, de negociação e de luta pela constituição das hegemonias. Cultura não como sinônimo de erudição, nem como campo cindido entre dimensões populares, massivas, cultas e ilustradas, mas como lugar de mesclas conflituosas, que resultam de complexos processos de negociação – materiais e simbólicos – e de interesses diversificados – individuais e coletivos – entre classes sociais, fragmentos de classes, segmentos populacionais e estilos de vida.

Destaca-se, nessa reflexão sobre o lugar privilegiado da cultura nas ações coletivas juvenis, a centralidade da reflexão sobre cultura popular: o popular constituído pelo diálogo crítico com vertentes históricas, que ora o relegam à condição de folclore, ora o elegem como base de resistência política dos subalternizados, em oposição ao dominante. A cultura popular emerge como espaço singular de reflexão sobre as articulações entre cultura e política, entre o simbólico e o poder – cultura popular não como expressão *em bloco* de uma classe homogeneamente constituída em relação a outra, mas o popular enredado numa teia de conflitos, interesses e negociações, no foco do debate. Essa é a concepção de hegemonia em Gramsci (2000, 2002) e a forma por meio da qual Williams (1997) o elege como um de seus precursores, ao transformar *hegemonia* em uma categoria que pode conter uma “semente de vida” a ser “recebida” e “recriada” (Williams, 1969, p. 346).

Com base, portanto, na explicitação desses referenciais, foi possível decidir os trajetos de buscas e escolhas para o desenho dos protocolos metodológicos adotados, assim como para as justificativas de utilização dos instrumentos de pesquisa de campo, como a seleção de técnicas qualitativas relacionadas à observação etnográfica, às entrevistas em profundidade, à construção de um acervo imagético/audiovisual, entre outras. Destaca-se o princípio de que uma proposta metodológica não deve ser delimitada *a priori*, mas construída com o processo de definição dos pressupostos epistemológicos, teóricos e conceituais. Disso resulta, um exercício de *reflexividade* sobre como e quais foram os percursos de descoberta (Lopes et al., 2002, 2006), que pressupõe uma tomada de posição em relação ao fazer científico e às relações epistêmicas que se estabelecem entre sujeito e objeto.

Nesse sentido, retoma-se como princípio de ordem epistemológica o diálogo com Williams (1969), que indica, reiteradamente, a necessidade de uma atualização de concepções tradicionais – articulação entre traços residuais e emergentes –, de modo que se possa atribuir a elas sua particularidade de forma histórica

(Williams, 1997). Essa premissa é reiterada décadas depois por Martín-Barbero (2000), que propõe a retomada desse pressuposto de Williams – redesenho de um mapa de “conceitos básicos” – via construção de um “mapa noturno”:

Perdidas as garantias buscadas pela inércia e deslocadas as balizas que demarcavam as instâncias, o que precisamos desenhar é o mapa dos “conceitos básicos” de que fala Williams. Entretanto, não creio que isto seja possível sem “mudar de lugar”, sem mudar o lugar a partir do qual as perguntas são formuladas . . . aceitar que os tempos não favorecem a síntese, que só podemos presentir e suspeitar que existam áreas ainda inexploradas mesmo na realidade mais próxima. . . . Um mapa que sirva para questionar as mesmas coisas – dominação, produção e trabalho – mas a partir do outro lado: as brechas, o consumo e o lazer. Um mapa que não sirva para a fuga, e sim para o reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos. (Martín-Barbero, 2000, p. 300)

Compreende-se que o desafio de mudar o lugar, questionar olhar de outro ponto de vista, tenha sido enfrentado nas investigações desenvolvidas, e algumas escolhas podem ser relatadas, no sentido de reiterar alguns pressupostos. O primeiro deles refere-se a considerar o princípio de que as narrativas juvenis – ou o “tecido discursivo” (Bakhtin, 1999) – sejam incorporadas como lócus metodológico; não apenas falar de jovens ou sobre jovens, mas conceber uma multiplicidade/polifonia de vozes juvenis competentes para fazer emergir e orientar os rumos da investigação, e responder, assim, a uma indagação basal, transformada em problema de investigação: o que pensam os jovens de si mesmos, do entorno, de seus próprios modos de ser e de viver e dos outros que os cercam? O que dizem os jovens sobre as possíveis articulações entre cultura e política?

O segundo pressuposto implica em recolocar a relação entre cultura e política de forma não cindível, como hegemonicamente vem sendo tratada em muitas abordagens epistemológicas. Para tanto, propomos: caminhar na contramão de tendências que concebem a cultura e a política como lugares distintos e excludentes, em cenários relacionados tanto à produção de conhecimentos, quanto às práticas cotidianas; questionar a restrição da cultura aos campos da antropologia, das artes, da estética e dos estudos de linguagem e a noção de que política prescindiria de suas matrizes simbólicas, imaginárias; refutar noções de cultura esvaziadas de relações de poder e do fazer político; contestar o político constituído como lugar exclusivo da reflexão sobre poder; contradizer perspectivas que situam política como lugar privilegiado e restrito de ações e práticas macro relacionadas, por exemplo, à dominação e à luta de classes.

Conseqüentemente, e na contramão das tendências anteriores, pode-se assumir – com base no diálogo estabelecido entre Martín-Barbero (1987) e Gramsci (2000, 2002) – que cultura e política se mesclam, pois a cultura passa a ser concebida como “campo estratégico de luta e espaço articulador de conflitos” (Martín-Barbero, 1987, p. 85). Isso reitera a concepção já anteriormente anunciada, em que cultura se explicita como forma particular de vida e de enfrentamento das diferenças e como práticas simbólicas e políticas, que podem se manifestar ora como resistência e contestação, ora como negociação e consentimento. Cultura, portanto, é modo de vida, de concepções e visões de mundo em divergência e de luta pela constituição de hegemonias e contra-hegemonias (Gramsci, 2002).

³ Destacam-se ainda os trabalhos de Silva (1992), Vargas e Román-Velázquez (2011), Badenes (2007), Cuesta Moreno e Meléndez-Labrador (2017), Borelli, Rocha et al. (2009), Borelli e Freitas (2009), Borelli e Freire Filho (2008), Borelli e Rocha (2008), Pereira, Neves e Budag (2021), Prysthon (2007), Herschmann e Fernandes (2014), entre outros.

⁴ Destacam-se, na constituição desse subcampo da Comunicação, a formação e consolidação de dois importantes espaços institucionais: a fundação do Grupo de Trabalho Comunicación y Ciudad dentro da Asociación Latinoamericana de Investigadores en Comunicación (Alaic), em 1994, proposto inicialmente por Rossana Reguillo e ainda hoje em vigência; e a fundação, em 2005 (sob liderança de Silvia H. S. Borelli), do Grupo de Pesquisa Comunicação e Culturas Urbanas³ (atualmente Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas), na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), também vigente ainda hoje. Em suas trajetórias, ambos têm se colocado como espaços de reflexões, debates, publicações e pesquisas conjuntas que vêm adensando e desdobrando o profícuo campo da comunicação urbana e das urbanidades, como juventudes e culturas juvenis, representações e imaginários urbanos, poder e territorialidades, metodologias para o estudo das cidades e dos meios urbanos comunicacionais, corporalidades e estetizações, ações políticas e artivismos urbanos, migrações, práticas de consumo, produções culturais-artísticas na cidade, entre outros.

URBANIDADES, TECNICIDADES E JUVENTUDES

Nesse percurso investigativo e reflexivo acerca das juventudes, a questão urbana e das urbanidades é outro vetor que tem se colocado como central. Nas interseções entre aspectos socioculturais, comunicacionais e políticos *nas* e *das* cidades, o tema da comunicação urbana (Cuesta Moreno & Meléndez-Labrador, 2017; Reguillo, 1995) se apresenta como campo de investigação que, desde os anos 1990, vem se colocando como locus relevante para indagar e analisar questões de destaque no campo da comunicação, como os universos simbólicos e imaginários urbanos, as cidades e a produção cultural juvenil, as socialidades e interações engendradas nas e pelas urbes, as hibridações entre local e global, os itinerários, trajetos urbanos e os fluxos comunicacionais entre ruas e redes.

Embora amplo e com matizes, conceitos e métodos diversos, esse olhar e escuta atentos às urbanidades para refletir sobre o juvenil guarda ressonâncias e diálogos com as reflexões de Garcia Canclini (2001), Sarlo (2004), Martín-Barbero (2004, 2022), Garcia Canclini et al. (2012) e Reguillo (1995, 2000), uma vez que ressalta a articulação fundamental entre os modos de vida urbanos, a cultura e a comunicação³. Ainda que os enfoques, métodos e aportes teóricos sejam diversos, há uma preocupação em revelar as complexas relações entre as cidades e suas vicissitudes pautadas nas culturas midiáticas, em que sonoridades, visualidades, corporalidades, identidades, consumos, usos da cidade, práticas culturais, sensoriais e afetos se colocam como vetores de comunicabilidade social no cotidiano⁴.

O impacto epistêmico e teórico-conceitual – nos estudos comunicacionais e culturais latino-americanos na década de 1990 – provocado pela consideração das mediações político-culturais (Martín-Barbero, 2000, 2004) para além dos

meios e do “mediacentrismo” (Badenes, 2007) trouxe também a emergência de novos temas, perguntas e lugares de observação, entre eles, as cidades e as culturas urbanas como objetos comunicacionais, formulando o subcampo que vem sendo chamado de “comunicação urbana” (Álvarez Pedrossian et al., 2021; Cuesta Moreno & Meléndez-Labrador, 2017). Segundo Badenes (2007, p. 3), esse subcampo enfoca “os usos da comunicação, os diversos modos de simbolização, produção e consumo de significados coletivos em uma sociedade”⁵, encarando a comunicação como “um processo cultural de produção, reprodução, circulação e usos de significados sociais, e como uma questão de sujeitos e não apenas de aparatos” (p. 1)⁶. Essas noções têm servido como importante aporte em nossas reflexões e pesquisas sobre jovens urbanos.

Em uma perspectiva pautada no cotidiano vivido (Williams, 1997) e nas ações imprevistas, astuciosas e ordinárias (Certeau, 1994), enfatizamos a noção de urbanidades (Borelli et al., 2009; Pereira & Paiva, 2023), que traz a preocupação de não apenas olhar a cidade em sua dimensão oficial e estrutural (em termos socioeconômicos, urbanísticos e institucional), como também focalizar a cidade praticada, auscultando as tramas que se constituem na vida de todo dia, muitas vezes invisibilizadas, subalternizadas e excluídas dos circuitos hegemônicos da cidade planejada. Não descartamos, por exemplo, a São Paulo da história oficial, dos monumentos, da estrutura viária, fruto de um modelo de modernização europeia implantado por gestores, urbanistas e arquitetos e referido às grandes metrópoles, como Paris ou Viena no século XIX, ou a modelos urbanos articulados ao funcionalismo moderno e segregador de cidades estadunidenses do século XX. A noção de urbanidade incorporada neste texto nos leva a observar e interpretar as formas com que os jovens se apropriam da cidade, criam interações e socialidades, (re)territorializam espaços e compõem produções culturais audiovisuais, digitais, sonoras e imagéticas, que se mostram entrelaçadas com as linguagens da própria configuração do urbano, entre seus fixos e fluxos (Santos & Becker, 2006). Nesse processo, as cidades não se colocam como mero cenário, mas interagem com sujeitos, corpos, estéticas e itinerários, engendrando complexos sentidos políticos e dinâmicos que podem ser pensados pela noção de palimpsesto urbano (Martín-Barbero, 2022), em que marcas são impressas e constantemente sobrepostas por outras. Em tais contextos, as juventudes “rompem e re-imaginam o sentido da convivência, desfazendo e refazendo rostos e figuras da identidade” (Martín-Barbero, 1998, p. 14)⁷.

Nos anos 1990, Carrión (1996, p. 45) elaborou apresentação a um dossiê na revista *Chasqui* sobre “Comunicación en el Espacio Urbano”, na qual enfatizava a cidade como estrutura simbólica, bem como um fórum de comunicação e informação. Em diálogo com essa perspectiva, temos compreendido a cidade

⁵No original: “los usos de la comunicación, los diversos modos de simbolización, producción y consumo de significaciones colectivas en una sociedad”.

⁶No original: “proceso cultural de producción, reproducción, circulación y usos de significados sociales, y como cuestión de sujetos y no sólo de aparatos”.

⁷No original: “rompen y reimaginan el sentido del convi-vir deshaciendo y rehaciendo los rostros y las figuras de la identidad”.

como arena (Borelli & Rocha, 2008), na interrelação entre sujeitos, espaços, ações e imaginários nos quais a urbe não é tela de fundo ou objeto em si, mas algo dinâmico (Reguillo, 1995) e em cujos imbricamentos se “produzem coisas” (Álvarez Pedrosian et al., 2021). As estratégias juvenis de ser e estar no mundo e nas urbes “permitem claramente associá-los a um campo de ação efetivamente comunicacional” nas formas com que experimentam e interpretam “a vida metropolitana, com todos os seus conflitos e todos os seus encantos [o que] significa, nestes termos, perceber a própria cidade como um médium e, os corpos juvenis, como corpos-mídia” (Borelli & Rocha, 2008, p. 28).

A cidade mostra-se como arena e suporte pelo qual circulam uma miríade de linguagens juvenis, ao mesmo tempo em que se inscreve nesses corpos, materializando formas de andar, se vestir, performar identidades e pertencas, criar trajetórias urbanas e negociar sentidos. Ao oscilar “entre o nomadismo – ganhar a rua, atravessar a cidade, conhecer o mundo para além das fronteiras territoriais – e o gregarismo – voltar para casa, buscar refúgio e segurança, reconstruir redes de sociabilidade” (Borelli & Rocha, 2008, p. 30), apontam para os paradoxos e ambiguidades da experiência urbana em grandes metrópoles: por um lado, o excesso de estímulos e aceleração, encontros e interações, convites ao consumo e linguagens midiáticas-urbanas em profusão; por outro, os estigmas, os enfrentamentos, tensionamentos e violências, exclusões, imobilidades e precariedades. Numa tensa negociação, a arena urbana se elabora como local de expressão, disputa práticas heterogêneas e imaginários juvenis, que comportam reprodução social, como também possibilidades de resistência, na formulação de brechas e fissuras para se fazerem sujeitos de discurso, enunciação e ação social (Reguillo, 2000).

Nas complexas e dinâmicas articulações entre juventudes, culturas urbanas e urbanidades, estão presentes os desordenamentos culturais (Martín-Barbero, 2022) que enfatizam a elaboração e o desenvolvimento de novas sensibilidades para o tempo, para o espaço e para as tecnologias, em que as juventudes surgem como protagonistas. Atento e sensível leitor de Walter Benjamin, Martín-Barbero (2000) alertou para a perspectiva do filósofo alemão de olhar para aspectos fragmentários que se dão nas margens, nos relatos e no cotidiano; essa abordagem teria possibilitado a Benjamin deslocar o foco restrito às obras de arte e pensar sobre as mudanças perceptivas dos receptores, com seus novos sentidos dinamizados pela experiência moderna e urbana do capitalismo, das grandes cidades, das multidões, da presença dos meios de comunicação e da técnica. Esses novos sentidos perceptivos se constituíram aliados à experiência dos choques vividos cotidianamente no contexto das metrópoles, com o turbilhão de novidades, diferenças, imagens, vitrines, arquitetura, galerias,

massas e consumo, colaborando na elaboração de uma subjetividade moderna caleidoscópica (Benjamin, 2007).

É no diálogo com essas noções que Martín-Barbero (1998, 2004) constrói a noção (ou mediação) da tecnicidade, não enfatizando a técnica em si, mas sua dimensão antropológica de *techné* (Lopes, 2018), seus usos e modos de interiorização e elaboração. Trata-se de uma noção que busca ressaltar como são apropriados os dispositivos tecnológicos pelos quais passam as novas linguagens e as experimentações identitárias, cognitivas e estéticas centrais para pensar os jovens. Assim definiu Martín-Barbero em entrevista a Mariluce Moura (2009, p. 14):

... há a compressão do tempo, a compressão do espaço e é aí que eu recomponho as duas mediações fundamentais hoje: a identidade e a tecnicidade – eu adoto essa palavra não por esnobismo, mas sim porque um antropólogo francês, André Leroi-Gourhan, contemporâneo de Marcel Mauss, forja a ideia de que a técnica entre os “povos primitivos” também é sistema, não apenas um conjunto de ferramentas. Eu ligo tecnicidade ao que está se movendo na direção da identidade.

A tecnicidade aparece nos mapas das mediações do autor ainda em 1998, no prefácio à quinta edição de *De los Medios a las Mediaciones* (Martín-Barbero, 1998). Primeiramente, surge como mediação que foi sendo reposicionada nas dinâmicas atualizações da cartografia barberiana (Lopes, 2018) ao longo do tempo; no quarto e último mapa elaborado por Martín-Barbero em 2017, a tecnicidade surge como eixo estruturante ou mediação básica do eixo horizontal, junto com a sensorialidade – de inspiração benjaminiana –, com a qual forma “coproduções que se habitam” (Martín-Barbero & Rincón, 2019, p. 20)⁸. São interdependentes e se retroalimentam.

⁸No original: “coproducciones que se habitan”.

A noção de tecnicidade tem sido útil para compreender como os jovens urbanos não apenas fazem uso dos aparatos, mas – a partir da mediação tecnológica – criam linguagens, transformações político-culturais, formas de estar juntos, ser e estar no mundo, bem como relações outras com o tempo e o espaço. Como argumenta Lopes (2018, p. 57), tecnicidade diz respeito “à destreza, à habilidade de fazer, mas também de argumentar, de expressar, de criar e de comunicar através de formas materiais, destreza essa que se atualiza com base nos novos modos de lidar com a linguagem”. Assim, tecnicidade está “incrustada na estrutura mesma da cognição/logos e da vida cotidiana” (p. 58).

Nesse sentido, no último mapa barberiano, as tecnicidades se articulam com a sensorialidade e as socialidades, implicando na reconfiguração destas (Lopes, 2018). Isso porque as formas de expressão das tecnicidades interferem e tantas vezes alteram as maneiras de muitos agrupamentos juvenis adentrarem

e terem voz e enunciação nos espaços públicos das cidades e das redes digitais. As possibilidades interativas e conectivas das redes (Martín-Barbero & Rincón, 2019) vêm possibilitando aos jovens constituir formas outras de estarem juntos, elaborar práticas colaborativas, bem como se apresentar com suas identidades, corporalidades e audiovisualidades. Tecnicidades, dessa maneira, caracterizam instrumento conceitual que permite entrever as maneiras juvenis de “manejar destrezas discursivas e potencialidades reticulares” (Borelli, Pereira et al., 2023, p. 15) nas urbes e no mundo digital.

AÇÕES COMUNICACIONAIS, SUBJETIVIDADES JUVENIS, CORPORALIDADES E POLITICIDADES

Como parte de nossa trajetória de aproximação com jovens e juventudes e suas práticas políticas que se manifestam mediante ações comunicacionais de resistência, outros marcadores teórico-metodológicos foram se constituindo e se consolidando ao longo da experiência de campo e das diferentes produções reflexivas. Em específico, nos chama atenção, como já indicado, a observação recorrente da centralidade da cultura e da estética no modo como se organizam as práticas e as subjetividades desses atores e atrizes sociais na atualidade. Quando nos voltamos ao plano comunicacional que constitui esses modos de ser e estar no mundo, determinados aspectos se evidenciam. Tratando-se de um escopo analítico que, em nosso caso, se direciona a processos e perspectivas de resistência, estivemos atentas a algumas indagações. Se não há dúvida da crescente mobilização da comunicação em rede, das tecnologias móveis e das audiovisualidades como força motriz, como vetor estruturante do social e da cultura, o que existiria de particular na maneira como as juventudes contemporâneas mobilizam tais dados e materialidades em seu modo de atuar política e propositivamente?

Estando evidentes as variáveis sócio-históricas que atravessam as práticas políticas juvenis brasileiras desde a década de 2000, notamos a permanência de algumas categorias de análise que emergiram sistematicamente em nosso acompanhamento e reflexão sobre essas juventudes. Ultrapassando o que se chamou da geração e da sensibilidade “desencantadas” dos anos 1990 (Gadea, 2007), as juventudes marcheiras, ativistas e artivistas dos anos 2000 até os dias atuais ressoam uma mobilização quente e plástica, na qual humor, ação direta e certa eroticidade política se faz presente.

Desde as primeiras grandes marchas que tomaram de assalto as ruas de nossas metrópoles a partir dos anos 2000 (com a Marcha da Maconha), e ganharam força nos idos de 2010 (com a Marcha das Vadias), gerando o que se

convencionou denominar “novíssimos movimentos sociais” (Augusto et al., 2016), uma evidente conformação performativa e uma base enunciativa particular vem se configurando. A mobilização de ferramentas tecnológicas e a presença nas redes sociais para a publicização de suas pautas e como forma de engajar outros jovens em suas iniciativas de ação pública, mescla-se à ocupação das ruas com corporalidades intensas. Como nota Neder (2017), há uma articulação entre “subjetivação, corporalidade e transformação social”.

O corpo é, assim, uma categoria essencial às dinâmicas próprias aos acontecimentos estabelecidos configurados por essas pessoas jovens. Esse novo corpo militante, sensorial e sensível, resgata a memória política das passeatas estudantis, mas o faz a partir de uma mobilização iconoclasta e irreverente. É interessante observar como as corporalidades juvenis comporão, paulatinamente, um outro modo de fazer política, que mesclará diferentes regimes discursivos e referenciais explicativos. Assim, nota-se o recurso, por exemplo, a bagagens *memoriográficas* advindas não apenas da política clássica, mas também do contato e apropriação de referentes da música, da arte, do audiovisual, das tecnologias, das práticas e hábitos de lazer e de consumo de cultura, em suas diferentes expressões.

Os estudos desenvolvidos por Cerbino et al. (2001) continuam a nos oferecer referências teóricas sólidas e abordagens metodológicas importantes para se pensar as culturas juvenis, desde sua relação com o corpo, a música, a sociabilidade e as questões de gênero, sendo que, nesse último quesito, se encontram as maiores lacunas, ou os campos problemáticos que mais demandam atualização e revisão. Na proposta da e dos autores, as juventudes são abordadas em um aporte cultural e em um regime de complexidade, o que os leva a enunciar uma interessante “antropologia do corpo juvenil” (Cerbino et al., 2001), atravessada pelo consumo cultural, as interações sociais, as comunidades emocionais e a distinção de gêneros.

Na análise de juventudes marcheiiras e daquelas mais claramente voltadas a práticas artivistas de viés estético e audiovisual, identificamos uma compreensão *corpográfica* (Santo & Lotufo, 2014) de suas ações. Em nossas observações, além desses aportes, se fizeram presentes a compreensão de como diferentes artivismos assumem a interface entre política, subjetivação e identidades, resultando em uma colocação em pauta de temáticas como os gêneros e as sexualidades, cada vez mais atravessados por questões étnico-raciais.

Como apresentado por Colling (2018, p. 157):

[as] feministas, assim como outros movimentos sociais, tal qual o movimento negro e seu teatro, sempre perceberam que as artes e os produtos culturais em geral são potentes estratégias para produzir outras subjetividades capazes de atacar a misoginia, o sexismo e o racismo.

Saavedra (2017, p. 1), referindo-se ao ativismo feminista, sugere que “há uma (cri)ação direta que constrói, por meio da experiência, o sujeito político”. Nesse aspecto, talvez possamos falar em termos de uma subjetividade artista, na qual “[c]orpos . . . intervêm e, com seus movimentos poéticos de resistência e subversão, repositionam a si mesmos e a outros do seu entorno” (p. 2).

Em função de percepções como essas, o conceito de *politicidade* nos foi fundamental em nossas interpretações dessas “subjetividades políticas encorpadas” (Díaz Gómez & Alvarado Salgado, 2012). Trazendo a visada de Paulo Freire acerca da dimensão política da educação, associada pelo autor à ideia de politicidade, pressupõe-se a determinação mútua entre autonomia e dinâmicas de poder, pois essa autonomia não poderá significar e/ou resultar na submissão de outrem (Demo, 2002). Consciência crítica e autocrítica se combinam, uma vez que a primeira não será imposta por sujeitos (educadores) em qualquer suposta condição de superioridade, mas emerge, como práxis (encarnada) do cotidiano, a partir da própria cultura daqueles que serão autonomamente libertados (Freire, 2001).

Ativismos político-comunicacionais e activismos estético-políticos são dotados de politicidade, mesmo quando transitam ou negociam com espaços de institucionalidade, e de certo modo atualizam, ainda que como “tradição residual” (Williams, 1992), heranças políticas e culturais bastante peculiares. A originalidade de seu modo de produzir e disseminar cultura audiovisual, por exemplo, em um contexto de descentralização tecnológica e descompressão cultural, não nos impede de localizar um modo específico de *remixar* e rearranjar referências e pertencas, ativando, em registro próprio e às vezes com entonações biográficas, amplos acervos *memoriográficos*, lidos, na direção de Feixa (2000), não como depósito de fatos, mas como matriz de significados e valores.

Essa memória artista (Chaia, 2007) ressoa também em iniciativas de ocupação da cidade, da mídia e das redes sociais por eventos artísticos sustentados por políticas culturais públicas, em especial aquelas materializadas pela Virada Cultural e a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. Além de obviamente fazerem eco a toda uma movida de ações juvenis recentes que mesclam estética e politicidade (Rocha, 2016) e de serem historicamente contemporâneas aos “novíssimos movimentos sociais” (Augusto et al., 2016) e às práticas colaborativas de produção cultural, entendemos que existem particularidades no modo como configuram novos regimes de inteligibilidade social, urbana, cultural e artística. Parece-nos que, em sua afiliação ético-estética, essas redes (de afetos, de criação, de colaboração profissional e apoio subjetivo) têm capacitado a transfiguração da gramática normativa da vida, embaralhando a semiose do capitalismo ocidental e do próprio *mainstream* político e comunicacional.

Atentamo-nos nesse ponto às interessantes argumentações de Di Giovanni (2015, p. 2), quando esclarece que

... a emergência do termo *artivismo*, como categoria analítica, marca um interesse, político e teórico, em formas de ação coletiva cujo efeito e possíveis interpretações não se esgotam na taxonomia da provável orientação ideológica dos participantes, nem na possível funcionalidade que possam cumprir nos jogos político-eleitorais e midiáticos das democracias representativas, cuja explicação não termina na identificação dos fatores contextuais, históricos ou socioeconômicos que fomentaram sua erupção.

Há, nesse aspecto, a convergência com Sarlo (2004, p. 36), em sua observação de que “a juventude não é uma idade, e sim uma estética da vida cotidiana”. Tal princípio é ecoado pelas investigações de Reguillo (2000) sobre práticas e dinâmicas de consumo cultural capitaneadas por agrupamentos e coletivos juvenis. Reguillo percebe a constituição dos jovens como sujeitos, mais exatamente sujeitos de discurso e sujeitos de ação, “com competência para referir-se em atitude objetivante às entidades do mundo, ... com capacidade para se apropriar (e mobilizar) os objetos ... sociais e simbólicos”. (Reguillo, 2000, p. 36)⁹.

Entendemos que esse operador analítico contempla, segundo Ouviña (2013, p. 78), “um tipo de construção que se define por tentar ‘desde o agora’ produzir transformações em suas próprias práticas de luta”¹⁰, e que se referendam, de diferentes modos, em preceitos de autonomia, *antecip[ando]* ou *prefigur[ando]* a nova sociedade à qual aspiram. Isso pode contemplar a dimensão utópica que identificamos em alguns artivismos, em especial os artivismos musicais de gênero (Rocha, 2021) e os “artivismos estéticos das dissidências sexuais e de gênero” (Colling, 2018, p. 1). Essa possibilidade é consoante à leitura de Lourenço (2019, p. 20) da “*ação crítica no espaço urbano* [que] vem ganhando adeptos, formas sensíveis, contundência capazes de desvelar meandros calados por razões escusas”, ao que a autora associa, em jogo poético, a ideia do “viver e prever políticas de espaço”.

Conceitos híbridos, polissêmicos e plásticos, e que assim o são em função de perspectivas políticas, nos parecem adequados à análise de fenômenos igualmente híbridos de ação política juvenil. Fernández (2013), para identificar modalidades de subjetivação e lógicas coletivas em suas pesquisas com juventudes argentinas vulnerabilizadas, se utiliza da concepção de “corporalidades em ação” apreendidas em seus marcadores de intensidade, nas quais o corpo é, ele mesmo, um lugar epistêmico. Na contemporaneidade, são várias as expressões artivistas que mobilizam o lugar da expressividade audiovisual

⁹No original: “con competencias para referirse en actitud objetivante a las entidades del mundo, ... con capacidad para apropiarse (y movilizar) los objetos ... sociales y simbólicos”.

¹⁰No original: “un tipo de construcción que se define por intentar ‘desde el ahora’ producir transformaciones en sus propias prácticas de lucha, que anticipen –o ‘prefiguren’– la nueva sociedad a la que aspiran”.

como importante espaço de construção subjetiva, representatividade e existência. Em direção complementar, afirmam que seus corpos são políticos, articulando a luta contra, por exemplo, as violências raciais e de gênero estruturais na sociedade brasileira.

Corpo como lugar epistêmico, corpo como referente da processualidade investigativa, corporalidades políticas configuradas por *corpos falantes* (Preciado, 2014) e por *corpos em aliança* (Butler, 2019), corpos artistas ocupando corpos urbanos e digitais. Audiovisualidades como corpo, afetando corpos. Corpos resistindo e existindo desde um circuito tentacular, no qual corpos audiovisíveis ocupam corpos audiovisuais e transformam corpos humanos, tecnológicos, urbanos. Ou seja, como aludido por Fernández (2013, p. 20) “[t]ransversalizar a problemática dos corpos . . . possibilita pensar ferramentas conceituais que permitam incorporar as dimensões desejantes que animam os ‘entre corpos’ das ações coletivas”¹¹.

¹¹No original: “[t]ransversalizar la problemática de los cuerpos también hace posible pensar herramientas conceptuales que permitan incorporar las dimensiones deseantes que animan los “entre los cuerpos” de las acciones colectivas”.

Os olhares antropológicos e interdisciplinares oferecidos por Garcia Canclini et al. (2012) no amplo estudo que coordenaram sobre jovens, culturas urbanas e redes digitais no México e na Espanha também nos oferecem importantes pistas e perspectivas de análise. O fato de terem levado em conta, em suas escolhas metodológicas, “os atores em rede”; o comunicacional, ou seja “as redes não visíveis que organizam a cidade”; a insuficiência de se compreender “a lógica das indústrias culturais” para dar conta dos processos e atores estudados; a descompressão do conceito de “campo cultural” para assim dar conta dos “muitos processos transversais” que constituem o modo como as juventudes circulam nos âmbitos editoriais, musicais, literários e artísticos; a percepção de que “a posição dos jovens não é, na realidade, nem tão livre como às vezes se supõe, nem, por outro lado, tampouco completamente submetida, determinada”¹² (Garcia Canclini et al., 2012), se apresentou como perspectiva significativamente afinada a nossas próprias percepções e compreensões das atrizes e atores sociais por nós estudados.

¹²No original: “la posición de los jóvenes no es, en realidad, ni necesariamente tan libre como a veces se supone ni, por otro lado, tampoco completamente sometida, determinada”.

BALANÇOS, CONSIDERAÇÕES, CONTINUIDADES

No contexto de recrudescimento das forças conservadoras, as práticas e lutas juvenis vêm sinalizando a potência que emerge das narrativas e expressividades de resistência, assim como indicam mutações nas formas de se apropriar das cidades e das redes em seu fazer político. Constituem igualmente habilidade estratégica na enunciação de suas identidades e subjetividades e suas representações, manifestas por meio dos ativismos, dos artivismos e de variadas mobilizações políticas. Acionam, para tanto, linguagens e estéticas, tecnicidades e corporalidades.

Aludimos a outra questão central presente no último mapa barberiano: a noção de *urbanitas*, derivada e em diálogo com as cidadanias, mais estáveis e vinculadas à noção de *civitas*. Como sugeriu o autor (Martín-Barbero & Rincón, 2019), *urbanita* é a maneira de exercer cidadanias globais/comunicacionais nas redes e nos fluxos, sempre moventes, com “raízes que andam” (Martín-Barbero, 2022) e transformam a cidade e os ambientes digitais. *Urbanitas* que reverberam na noção de urbanidade que aqui trouxemos e que se atualizam e dinamizam o cotidiano da cidade vivida, em meio às técnicas, redes, socialidades e modos de fazer e viver o político. Ou seja, uma experiência dotada de politicidade, instrumento para consciência de si e para transformações sociais coletivas e libertárias.

Trazemos para essas considerações finais a perspectiva da expressividade comunicacional ou da potencialidade enunciativa atinente às práticas políticas juvenis como um importante núcleo reflexivo. Parece-nos central compreender como, em meio a retrocessos e revezes sistêmicos, as ações de resistência se multiplicam e se modificam, construindo um horizonte de ação próprio às juventudes brasileiras. A herança ativista e artivista vem consolidando práticas enunciativas que incluem as corporalidades e ocupam as redes e mídias digitais com um modo de vocalização, que parte dos corpos e a eles retorna. Falam para os seus, assim como participam de uma cena pública que inclui as diferenças e enfrenta os cerceamentos e embates argumentativos. Rompem, assim, com formas e formatos dicotômicos e de pouca complexidade, evidenciando matizes e pluralidades de compreensão da própria agenda política.

Foi possível capturar, por meio da polifonia das vozes (Bakhtin, 2008), das visões e concepções de mundo e das lutas pela constituição de hegemonias (Gramsci, 2000, 2002), as formas de ser, viver e constituir – pela mediação da cultura, da estética, dos ativismos e artivismos e da tecnicidade – novas práticas políticas juvenis. Elas pressupõem o protagonismo das juventudes nas formas de se apresentar e se situar na agenda pública, a modificando e ressignificando. ■

REFERÊNCIAS

- Álvarez Pedrosian, E., Póo Figueroa, X., & Zapata Agudelo, J. D. (2021). “¿De qué hablamos cuando hablamos de ciudad?” Entrevista a Rossana Reguillo. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 20(37), 215-226. <https://doi.org/10.55738/alaic.v20i37.724>
- Augusto, A., Rosa, P. O., & Resende, P. E. R. (2016). Capturas e resistências nas democracias liberais: Uma mirada sobre a participação dos jovens nos novíssimos movimentos sociais. *Estudos de Sociologia*, 21(40), 21-37.

- Badenes, D. (2007). Comunicación y ciudad: Líneas de investigación y encuentros con la historia cultural urbana. *Question*, 1(14), 1-11.
- Bakhtin, M. (1987). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. Hucitec; UnB.
- Bakhtin, M. (1993). *Questões de literatura e de estética*. Hucitec; Unesp.
- Bakhtin, M. (1999). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Hucitec.
- Bakhtin, M. (2008). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Forense Universitária.
- Benjamin, W. (2007). *Passagens*. UFMG.
- Borelli, S. H. S., & Aboboreira, A. (2011). Teorias/metodologias: Trajetos de investigação com coletivos juvenis em São Paulo/Brasil. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez Y Juventud*, 9(1), 161-172.
- Borelli, S. H. S., & Freire Filho, J. (Orgs.). (2008). *Culturas juvenis no século XXI*. Educ.
- Borelli, S. H. S., & Freitas, R. F. (Orgs.). (2009). *Comunicação, narrativas e culturas urbanas*. Educ.
- Borelli, S. H. S., Pereira, S. L., Paiva, M. C., & Bras, J. M. (2023). Ativismos juvenis urbanos: Slam Resistência, tecnicidades, redes e atuação pelas brechas. *Millcayac*, 10(18), 1-23.
- Borelli, S. H. S., & Rocha, R. M. (2008). Juventudes, midiatizações e nomadismos: A cidade como arena. *Comunicação Mídia e Consumo*, 5(13), 27-40. <https://doi.org/10.18568/cmc.v5i13.125>
- Borelli, S. H. S., Rocha, R. M., & Oliveira, R. C. A. (2009). *Jovens na cena metropolitana: Percepções, narrativas e modos de comunicação*. Paulinas.
- Bourdieu, P. (1983). A juventude é só uma palavra. In *Questões de sociologia* (pp. 112-121). Marco Zero.
- Brandist, C. (1995). Bakhtin, Gramsci and the semiotics of hegemony. Bakhtin Centre; University of Sheffield.
- Butler, J. (2018). *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas sobre uma teoria performativa de assembleia* (2a ed.). Civilização Brasileira.
- Carrión, F. (1996). La ciudad es un libro abierto. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, (55), 44-47.
- Cerbino, M., Chiriboga, C. & Tutivén, C. (2001). *Culturas juvenis: Cuerpo, música, sociabilidad e género* (2a ed.). Abya-Yala; Convenio Andrés Bello.
- Certeau, M. (1994). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Vozes.
- Chaia, M. (2007). Artivismo: Política e arte hoje. *Aurora*, (1), 9-11.
- Colling, L. (2018). A emergência dos artivismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. *Sala Preta*, 18(1), 152-167. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v18i1p152-167>

- Cuesta Moreno, Ó. J., & Meléndez-Labrador, S. (2017). Comunicación urbana: Antecedentes y configuración de líneas de investigación en América Latina y España. *Territorios*, (37), 205-228. <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/territorios/a.4889>
- Demo, P. (2002). *Politicidade: Razão humana*. Papirus.
- Díaz Gómez, A., & Alvarado Salgado, S. V. (2012). Subjetividad política encorpada. *Revista Colombiana de Educación*, (63), 111-128. <https://doi.org/10.17227/01203916.1689>
- Di Giovanni, J. R. (2015). Artes de abrir espaço: Apontamentos para análise de práticas em trânsito entre arte e ativismo. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 4(2), 13-27. <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.911>
- Feixa, C. (2000). Generación @. La juventud en la era digital. *Nómadas*, (13), 76-91.
- Fernández, A. M. (2013). Los cuerpos del deseo: Potencias y acciones colectivas. *Nómadas*, (38), 13-29.
- Freire, P. (2001). *Política e educação* (5a ed.). Cortez.
- Gadea, C. A. (2007). *Paisagens da pós-modernidade: Cultura, política e sociabilidade na América Latina*. Univali.
- García Canclini, N. (2001). Introducción a la nueva edición: Las culturas híbridas en tiempos globalizados. In *Culturas híbridas: Estrategias para entrar y salir de la modernidad* (2a ed., pp. 11-33). Paidós.
- García Canclini, N. (2022). Prefácio. Outro conhecimento para outra política. In J. Martín-Barbero, *Jovens entre o palimpsesto e o hipertexto* (pp. 11-13). Edições Sesc SP.
- García Canclini, N., Cruces, F., & Castro Pozo, M. U. (Coords.). (2012). *Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales*. Ariel; Fundación Telefónica.
- Gramsci, A. (2000). *Cadernos do cárcere: Os intelectuais, O princípio educativo, Jornalismo* (8a ed., Vol. 2). Civilização Brasileira.
- Gramsci, A. (2002). *Cadernos do cárcere: Literatura, folclore, gramática, apêndices, variantes e índices* (4a ed., Vol. 6). Civilização Brasileira.
- Herschmann, M., & Fernandes, C. S. (2014). *Música nas ruas do Rio de Janeiro*. Intercom.
- Lopes, M. I. V. (2018). A teoria barberiana da comunicação. *Matrizes*, 12(1), 39-63. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p39-63>
- Lopes, M. I. V., Borelli, S. H. S., & Resende, V. R. (2002). *Vivendo com a telenovela: Mediações, recepção, teleficcionalidade*. Summus.
- Lopes, M. I. V., Borelli, S. H. S., & Resende, V. R. (2006). Televisión. Una metodología de las mediaciones. In G. Sunkel (Coord.), *El consumo cultural en América Latina* (pp. 363-410). Andrés Bello.

- Lourenço, M. C. F. (2019). Viver e prever políticas de espaço. In E. Bruno (Org.), *Imaginários urbanos. Performance entre o público e o privado*. Expressão Gráfica.
- Martín-Barbero, J. (1987). *Procesos de comunicación y matrices de cultura: Itinerario para salir de la razón dualista*. G. Gili.
- Martín-Barbero, J. (1998). Prefácio à quinta edição: Pistas para entrever medios y mediaciones. In *De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía* (5a ed., pp. 1-14) Convenio Andrés Bello.
- Martín-Barbero, J. (2000). *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia* (2a ed.). UFRJ.
- Martín-Barbero, J. (2004). *Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. Loyola.
- Martín-Barbero, J., & Rincón, O. (2019). Mapa insomne 2017: Ensayos sobre el sensorium contemporáneo. Un mapa para investigar la mutación cultural. In N. Jacks, D. Schmitz, & L. Wottrich (Orgs.), *Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero* (pp. 17-24). Ciespal.
- Martín-Barbero, J. (2022). *Jovens entre o palimpsesto e o hipertexto*. Edições Sesc SP.
- Morin, E. (1984) Juventude. In *Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo. Neurose* (Vol. 1, pp. 147-157). Forense Universitária.
- Moura, M. (2009). Jesús Martín-Barbero: As formas mestiças da mídia. *Pesquisa FAPESP*, (163), 10-15.
- Neder, A. (2017). Música e discurso: Subjetivação, corporalidade e transformação social. In C. F. Díaz & B. Corti (Comps.), *Música y discurso: Aproximaciones analíticas desde América Latina* (pp. 69-96). Eduvim.
- Ouviña, H. (2013). La política prefigurativa de los movimientos populares en América Latina. Hacia una nueva matriz de intelección para las Ciencias Sociales. *Acta Sociológica*, (62), 77-104. [https://doi.org/10.1016/S0186-6028\(13\)71000-4](https://doi.org/10.1016/S0186-6028(13)71000-4)
- Pereira, S. L., Neves, T., & Budag, F. (Orgs.). (2021). *Comunicação e culturas urbanas: Temas, debates e perspectivas*. Intercom.
- Pereira, S. L., & Paiva, M. C. (2023). Silvia Borelli – Entrelugares da comunicação e da antropologia. In C. Rodríguez, A. Marroquin Parducci & O. Rincón (Eds.), *Mujeres de la Comunicación: América Latina y Caribe* (Vol. 2, pp. 189-204). FES Comunicación.
- Preciado, P. (2014). *Manifesto contrassexual*. n-1 edições.
- Prysthon, A. (Org.). (2007). *Imagens da cidade: Espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas*. Sulina.
- Reguillo, R. (1995). Pensar la ciudad desde la comunicación. Un ejercicio necesario. In J. Galindo & C. Luna (Coords.), *Campo académico de la*

- comunicación: Hacia una reconstrucción reflexiva* (pp. 109-132). Iteso; Consejo Nacional para la Cultura y las Artes.
- Reguillo, R. (2000). *Emergencia de culturas juveniles: Estrategias del desencanto*. Norma.
- Rocha, R. M. (2012). Culturas juvenis, consumo e politicidades. In I. Sampaio (Org.), *Comunicação, cultura e cidadania*. Pontes.
- Rocha, R. M. (2016). Eram iconoclastas nossos ativistas? A representação na berlinda e as práticas comunicacionais como formas (políticas) de presença. In E. Jesus, E. Trindade, J. Janotti Júnior, & M. Roxo (Orgs.), *Reinvenção comunicacional da política: Modos de habitar e desabitar o século XXI* (pp. 31-46). Edufba; Compós.
- Rocha, R. M. (org.). (2021). *Artivismos musicais de gênero: bandivas, travestis, gays, drags, trans, não-binários*. Salvador: Devires.
- Saavedra, R. (2017). *Entre militâncias e letramentos: Produção cultural, artivismo e jovens feministas* [Apresentação de trabalho]. 11º Seminário Internacional Fazendo Gênero; 13º Women's World Congress, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
- Santo, D. E., & Lotufo, J. J. (2014). Corpografias urbanas. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, 4(1), 70-82. <https://doi.org/10.1590/2237-266041982>
- Santos, M., & Becker, B. (Orgs.). (2006). *Território, territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial*. DP&A.
- Sarlo, B. (2004). *Cenas da vida pós-moderna: Intelectuais, arte e videocultura na Argentina* (3a ed.). UFRJ.
- Silva, A. (1992). *Imaginarios urbanos, Bogotá y São Paulo: Cultura y comunicación urbana en América Latina*. Tercer Mundo.
- Silva, J. C. P. (2007). *Aventura das cidades: Ensaio e etnografias*. FGV.
- Valenzuela, J. M. (2022). Juventudes, biocultura y bioresistencia. In S. H. S. Borelli & R. L. Soares (Orgs.). *Juventudes: Violência, biocultura, biorresistência* (pp. 21-30). EDUC; PIPEq.
- Vargas, A., & Román-Velázquez, P. (2011). Latin American urban cultural studies: Unique texts, ordinary cities. *Westminster Papers in Communication and Culture*, 8(1), 131-153. <https://doi.org/10.16997/wpcc.178>
- Williams, R. (1969). *Cultura e sociedade*. Companhia Editora Nacional.
- Williams, R. (1992). *Cultura*. Paz e Terra.
- Williams, R. (1997). *Marxismo y literatura*. Península.
- Zavala, I. M. (1996). *Escuchar Bajtin*. Montesinos.

Artigo recebido em 30 de julho de 2024 e aprovado em 14 de agosto de 2024.